

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 17 de fevereiro de 2016

Texto de referência: L. Giussani, “Os três fatores constitutivos”, *Por que a Igreja*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2015, pp. 117 a 141.

- *Non son sincera*
- *My Father sings to me*

Glória ao Pai

Carrón: Deixamos como texto de trabalho a primeira parte do segundo capítulo do *Por que a Igreja*, onde se abordam os fatores constitutivos daquele fenômeno que se chama "Igreja". E este trabalho nos é proposto – aconteceu assim, sem nenhuma estratégia – num momento em que estamos atravessando circunstâncias, com tudo aquilo que está acontecendo entre nós e que o Senhor não nos poupa, que poderíamos considerar só como um caos, e que, pelo contrário, podemos acolher como uma possibilidade, como ocasião para o nosso amadurecimento. De que modo? É isto que temos que entender, porque nada daquilo que acontece é mecânico. Imagino que, em outro contexto, teríamos podido abordar este capítulo só fazendo comentários sobre o texto, quase sem nos deixarmos tocar. Não será assim! Não pode ser assim, com aquilo que está acontecendo conosco. Por isso, é providencial que possamos viver esta circunstância como uma oportunidade para nos ajudar a perceber aquilo que pensávamos já saber, ou seja, a natureza da Igreja. O primeiro ponto que Dom Giussani sublinha é que qualquer observador que se encontrasse em Jerusalém e tivesse visto surgir o primeiro núcleo da Igreja, teria encontrado uma realidade comunitária sociologicamente identificável. “Em primeiro lugar, o fato cristão se coloca na história [...] ao observador, como *comunidade*” (p. 118). Podemos dizer sinteticamente, com a imagem que todos temos nos nossos olhos: “Todos se reuniam com o mesmo espírito, no pórtico de Salomão” (At 5, 12). Comenta Dom Giussani: o peregrino que indo ao templo alguns dias seguidos, chegando a Jerusalém para a Páscoa ou para outra festa, notando o mesmo grupinho de gente debaixo daquele pórtico, o que teria pensado? “No primeiro dia, poderia seguir seu caminho sem curiosidade, talvez também no segundo, mas em certo momento perguntaria a alguém: ‘Quem são esses que vejo sempre aqui juntos?’ Ter-lhe-iam respondido: ‘São os seguidores de Jesus de Nazaré’” (p. 119). É isso que nós temos que verificar. Imaginem que nestas últimas semanas, um "peregrino" contemporâneo, chegando a Itália sabe-se lá de onde, se tivesse embatido na nossa "realidade comunitária sociologicamente identificável" através da manchete dos jornais, dos sites, dos blogs, das redes sociais, dos nossos grupos de Fraternidade, das várias amizades. Se, como no exemplo do peregrino antigo, observando-nos, perguntasse: “Quem são estes de CL? Quem são estes aqui?” Fora da escolha de ir ou não a Roma, que foi deixada à decisão dos leigos, porque só de dentro da experiência da liberdade se pode conquistar a verdade, observando-nos em ação, ouvindo-nos falar, uns dos outros, uns com os outros, ou uns contra os outros – porque aconteceu de tudo – durante a viagem, para aqueles que foram, ou em casa para quem ficou, pois bem: o que aquele peregrino teria descoberto de nós? O que teria compreendido de nós? Ao quê estamos mais agarrados? Isto tem a ver com todos nós, porque todos somos parte desta realidade sociologicamente identificável; todos temos diante dos nossos olhos como nós colocamos. E o que este “peregrino” responderia? Responderia como diz Dom Giussani no texto da Escola de Comunidade? Isto significa viver a Escola de Comunidade não só a fazer comentários ao texto, mas usando-a como nos é proposto, ou seja, como critério de juízo, como ponto de comparação. O que aprendemos do que é a Igreja ou, melhor, sobre a autoconsciência que nós temos da Igreja e de nós próprios? Aquela primeira comunidade tinha a consciência de ser escolhida por Deus. Foi o que prevaleceu nestas semanas todas? Que tipo de consciência descobriria este “peregrino” ao olhar para nós? Não pergunto isso para testar se estivemos à altura, não é isto que me importa agora. O problema é o tipo de consciência que temos. Até podíamos dizer: “Sei muito bem que fomos escolhidos por Deus”, mas isto prevalece no nosso modo de nos posicionarmos? Como veem, não basta ter o texto da Escola de Comunidade, onde se diz toda a verdade sobre a Igreja, através da sã doutrina de Dom Giussani, para que esta autoconsciência prevaleça. “O primeiro núcleo de Igreja testemunha que esta ‘não somente

prossigue a obra d'Ele [Cristo], mas dá continuidade ao próprio Cristo, num sentido incomparavelmente mais real do que qualquer instituição humana possa dar ao seu fundador” (p. 117): se Cristo, depois de ter dado início à Igreja, não acontece em nós no presente, o que aparece? O que somos? O que vivemos? Pelo contrário, quando acontece, o que acontece?

Colocação: *Estive na África para pregar os Exercícios espirituais da Fraternidade São José. E lá temos uma amiga que, há dez anos, quando declarou que vivia a sua vida na vocação à virgindade, foi declarada morta pela sua família. Literalmente, a sua mãe e a sua irmã foram à câmara municipal, obtiveram a certidão de óbito e apresentaram a ela: “Você morreu. Já não existe: para nós, para a tribo, para a aldeia”. E ela – não sei como, mas nota-se que na África é possível continuar a viver mesmo sem ter documentos – por dez anos continuou a viver, trabalhando e vivendo sozinha. Depois de dez anos, ou seja, agora, visto que todos os seus irmãos foram embora, casaram-se, deixaram a mãe sozinha, a mãe pensou que, em vez de ficar sozinha, talvez fosse melhor “ressuscitar” a filha. Nós brincamos com ela nestes dias dizendo que, de fato, não são muitos os ressuscitados depois de Lázaro. A coisa que me impressionou é que contou que agora é um momento um pouco de glória também para ela, pelo fato de ter sido “ressuscitada”; então voltaram os parentes e os irmãos à sua casa, e disseram-lhe: “Nós não entendemos bem o que se passou, porque para nós você estava morta, tinha saído da nossa família, já não existia. E, no entanto, você continuou vivendo, e vivendo bem; venceu porque resistiu diante de tudo isso. Quer dizer que você tem uma força que não sabemos explicar. Provavelmente você é uma bruxa”. E então naquelas semanas olhavam e espiavam o que fazia para entender que estranha magia realizava para ter essa força. Enquanto nos contava isso eu me comovi olhando para ela, porque pensava: mas olha, você e eu que para falar temos que usar um tradutor porque eu falo italiano e você francês, estamos distantes, distantes cultural e geograficamente, e no entanto, você e eu somos uma coisa só mais do que você o é com toda a sua família, com toda a sua tradição! E me vinha à mente aquela passagem da Escola de Comunidade em que se diz que é retirada toda a distância, que o povo de Deus nasce da percepção da consciência de ter sido escolhido e que lhe aconteceu alguma coisa. Nos Exercícios constatei isso: somos uma só coisa porque conscientes, eu te entendo mais do que a tua mãe e a tua irmã, e estamos juntos. Voltando à Itália, à noite fui à Escola de Comunidade onde vieram à tona todas as questões: Family Day não, Family Day sim (já tinha acontecido), fui, não fui, discussões. Eu tinha nos olhos aquela nossa amiga e o que tinha vivido lá, então disse: “Eu posso discutir o quanto quiserem sobre o Family Day, de tudo, mas se antes não reconhecemos que fomos postos juntos por Aquele que aconteceu... Podemos até discutir para chegar a um acordo, mas o que nos junta vem antes, veio antes, aconteceu. Peçamos para reconhecer isso, porque assim, depois, podemos também ser livres de ter uma opinião diferente, de discutir em que ponto estamos, mas dentro de uma letícia pelo fato de termos sido colocados juntos. De outro modo, podemos até tentar chegar a um acordo, termos a mesma opinião, mas estou mais distante de vocês do que da amiga africana”.*

Carrón: Eis a questão: se este “antes”, se esta pertença a Cristo que nos escolheu, prevalece ou não prevalece. Se prevalece, podemos depois – como você diz – fazer, cada um de acordo com os tempos daquilo que consegue entender ou ver. Mas prevalece? Isto me impressiona muito, porque quer dizer que o problema fundamental não é, como às vezes se discute entre nós, a contraposição entre um testemunho público e um testemunho privado. Parece-me que é um alibi para evitar entrar no âmago da verdadeira questão: o que define o testemunho, ou seja, qual é o conteúdo da nossa autoconsciência. O conteúdo do nosso testemunho é de tal modo potente que vence até mesmo uma família e uma sociedade que te declaram oficialmente morta? Se Cristo não acontece tão potentemente como naquela mulher, a ponto de poder vencer mesmo quando se perde (em certo sentido) – porque a potência de Cristo presente e ressuscitado é mais forte que qualquer outra circunstância –, como poderemos viver a fé e ser determinados por ela? Então, sem que o conteúdo da nossa autoconsciência seja este, nós, juntos ou individualmente, somos como todos. Por isso retomo algumas reflexões de Dom Giussani sobre a tentativa do Movimento em responder ao desafio de 1968 com o grande acontecimento do Palalido: “O acontecimento daquele convênio no Palalido esteve porém paradoxalmente na origem de um equívoco [...], empenhávamo-nos sim em fixar a especificidade do fato cristão, mas só dentro dos limites de um horizonte predeterminado por outros” (L. Giussani, *Il movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986)*, Bur, Milão 2014, p. 169). E este equívoco é a coisa mais difícil de ultrapassar porque, como nos disse em tantas ocasiões ao longo da nossa história, “é como se o Movimento [...], dos anos ’70 em

diante [não sei se já resolvemos este problema!], tivesse trabalhado, construído e lutado sobre os valores que Cristo trouxe, enquanto que o fato de Cristo, para nós, para as nossas pessoas e para todos os que conosco fizeram CL, ‘tivesse permanecido em paralelo’” (L. Giussani, *Uomini senza patria* (1982-1983), Bur, Milão 2008, p. 56). Não estava contrapondo um eu privado a um nós visível, éramos nós visivelmente observáveis, e ele corrigia-nos nisto, no conteúdo da nossa autoconsciência, do que nós testemunhávamos. Por isso este capítulo do *Por que a Igreja*, justo neste momento, pode nos ajudar a retomar uma consciência que não está suficientemente viva, para que não prevaleça o despautério que vemos. Pelo contrário, quando alguém se embate numa realidade, por menor que seja, que documenta que Cristo está presente, acontece alguma coisa.

Colocação: *Há pouco tempo conheci um rapaz: é homossexual e tem um companheiro com quem convive estavelmente. Um dia ele me fez esta proposta: “Se daqui a algum tempo não estiver mais casada, fazemos um filho e depois você o entrega a mim e ao meu companheiro”. Falou assim, de repente, e fiquei de boca aberta. A única coisa que consegui dizer foi: “Um filho eu faço com o meu marido, certamente não para vendê-lo. Imagina se você fosse essa criança: gostaria de ser trazido ao mundo e depois ser dado a outros?”. Ficou calado. Depois, ao longo do dia, ruminei o fato e comecei a chorar, porque nunca tinha sido tratada assim. Algum tempo depois nos reencontramos e eu disse e ele que o que tinha me dito naquele dia tinha me ferido muito e que ele não podia se permitir tratar assim uma pessoa. Então aquele rapaz procurou tirar o drama. Depois de nos despedirmos, tinha o desejo de partilhar o acontecido com as minhas amigas. Falando com elas me dei conta de ainda estar triste; percebia que não me bastava aquele último diálogo que tinha tido com ele, ainda me faltava algo, parecia ainda não respirar completamente. Depois li a Escola de Comunidade e o seu artigo no Corriere della Sera, e foi libertador. Antes de mais nada, percebi que não é só um problema da intimidade que ele tenha comigo, ou seja, não é que depois de um certo período então uma pessoa possa tomar a liberdade de dizer ou pedir certas coisas, não é verdade. E, depois, percebi que eu sou igual, idêntica a ele, e que eu também posso tratar as coisas e as pessoas assim. Mas o que me salvou foram os encontros que fiz na vida com pessoas que me olharam pelo infinito que sou e que acolheram esta minha identidade sem reduções ou chantagens, pelo contrário, amaram a minha vida pela necessidade que é, deixando-a constantemente aberta, e isto começou pelo abraço dos meus pais até aos amigos do Movimento. Só o acontecimento de uma diversidade humana correspondente me salvou da minha mesquinhez (que não é realmente diferente da daquele rapaz), voltando a me dar continuamente um modo novo de me olhar, original e autêntico. E não é só um problema de inteligência, graças à qual eu seja melhor do que ele por entender de um ponto de vista antropológico como devemos nos tratar entre pessoas, mas é um problema de experiência vivida e julgada, ou seja, é inerente ao encontro com rostos que me conquistaram, que me restituíram a mim mesma fazendo-me sentir, por isso, preferida. Então percebo o valor da realidade como dado, para que eu possa fazer um caminho para o meu destino, e percebo o valor da Igreja como comunidade de pessoas colocadas juntas por um Outro que faz as coisas, que nos faz a cada dia, que nos devolve a cada vez a nós mesmos; porque se fosse só por nós, por uma nossa aptidão e capacidade, falharíamos todas as vezes, iríamos nos desiludir todas as vezes, iríamos nos reduzir uns aos outros. Assim, me dou conta que hoje sou mais livre do que ontem, porque já não tenho a defender apenas uma ideologia ou uma antropologia, mas – questão de vida ou de morte – a única coisa que tenho a defender é a possibilidade de olhar a realidade como a olha Cristo. Agradeço ter conhecido este rapaz que me permitiu entender melhor isso. Depois, com ele, será tudo a viver e a descobrir.*

Carrón: Obrigado. Muito provavelmente você não leu aquilo que Dom Giussani intuía já em 1968. Também para ele foi um sinal dos tempos o fato de já não ser um discurso sobre a antropologia ou sobre a tradição que permitia fundar o ser cristão: “Não pode ser motivo para aderir ao cristianismo nem a tradição, nem uma teoria, nem a concepção, [...] [nem uma] filosofia cristã, não a teologia cristã, não a concepção do universo que tem o cristianismo”. E ainda: “Não era [sequer] pelas discussões que tinha [Jesus], não era pelas elucidações que dava, não era por chamar a atenção para o Antigo Testamento; [...] [mas somente] porque constituía uma presença cheia de mensagem” que era capaz de mudar a vida. Por isso Dom Giussani dizia que “será necessário que revejamos na raiz todo o [nosso] discurso” (A. Savorana, *Vita di Don Giussani*, Bur, Milão 2014, p. 404), de outro modo, não encontraremos uma razão adequada para viver a fé. Diante desta sua contribuição, fico maravilhado ao ler de novo no texto indicado para hoje: “Aquele recém-nascido grupo de pessoas colocava-se como quem, gozando da

presença viva de Cristo, dava continuidade à Sua realidade quase que de maneira fisiológica, soldava-se àquela presença viva numa concretude de envolvimento familiar e cotidiano. Aquele recém-nascido grupo carregava em si a consciência de prolongar, aliás [veja que expressão sintética de Giussani], de comunicar realizando” (p.123). Estão vendo? Comunica-se o cristianismo realizando-o: um acontecimento, o cristianismo comunica-se acontecendo. É apenas pela diversidade das pessoas que você encontrou na vida que você pôde não sucumbir à violência com que aquele rapaz a tratou. Não é – como falou – por ser mais inteligente. Não. “Só o acontecimento de uma diversidade humana correspondente me salvou da minha mesquinhez”, e por isso – acrescenta – “agradeço”. É isso que nos permite tomar consciência do que verdadeiramente nos aconteceu.

Colocação: *O evento Family Day me provocou muito, mas foi uma provocação útil. Não fui, fiquei cuidando dos meus netos, mas estava na Praça de São Pedro com todo o meu coração. No final da última Escola de Comunidade disse para mim mesma: a obediência torna-se um trabalho. Não tinha entendido a sua posição. Prometi a mim mesma que iria pedir ao Senhor que me esclarecesse o juízo. E assim foi. Há poucos dias, tivemos um jantar da caritativa, que fazemos regularmente para descobrir o sentido do nosso agir. Diante dos belíssimos testemunhos dos amigos vi a caridade em ação e percebi que o essencial era o coração das pessoas transformado, capaz de caridade infinita e de misericórdia (não de pura generosidade), mudado pela companhia de Cristo. É com Ele o único modo possível de mudar a sociedade. Vi em ação todo o carisma do Movimento que me fascinou e que continua a fascinar. Abriu-se diante de mim um horizonte. O meu pensamento mesquinho sem olhar para a realidade pedia-me um esforço grande. É mesmo verdadeiro que só numa experiência tangível a verdade se faz carne, me liberta e torna alegre a vida. Agradeço-lhe muito pelo seu testemunho obstinado de amor a Jesus e fidelidade ao carisma de Dom Giussani. Resiste, peço-lhe! Precisamos, preciso de você.*

Carrón: Um conteúdo da autoconsciência que nasce de uma experiência. O que nos definiu na nossa vida ao longo destas semanas? A nossa posição diante do que estava em jogo ou a nossa autoconsciência? Façamos – digo isso para que aprendamos, não para fazer acusações, mas para aprender com aquilo que nos aconteceu – a comparação entre aquilo que vivemos (com os outros e entre nós) e aquilo que diz a Escola de Comunidade: “Escrevendo aos cristãos gálatas, Paulo exprime-se deste modo: ‘Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. O que vale não é mais ser judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus’” (p.126). Podemos dizer muitas coisas falando do “nós”, da comunidade, mas se, quando acontece uma circunstância como a atual, isso não prevalece... As grandes divisões históricas (judeu e grego, escravo e livre, homem e mulher) não impedem São Paulo de viver a consciência de que “somos um em Cristo Jesus”. Porque a pergunta que vem à tona é: onde se funda a nossa unidade? A nossa unidade funda-se no fato de estarmos de acordo em relação ao que fazemos ou funda-se no fato de sermos “um em Cristo Jesus” pelo Batismo? É esta a grande revolução cultural. Se não, prevalece esta autoconsciência, seremos definidos pelas etnias e não pela fé. Ouçam o que me escreve um de vocês: “Caro padre Julián, já faz algum tempo que não faço Escola de Comunidade num grupo estável. Aqueles com quem eu fazia no passado me davam a impressão de que trabalhavam num modo teórico, e algo desequilibrado, sobre o ‘discurso’; parecia-me, em suma, que perdia tempo. Por isso, desde então tenho feito com alguns amigos que me ajudam mais, mas com os quais é difícil nos encontrarmos de forma estável e, assim, fazer um trabalho sistemático. Recentemente, aconteceu algo que pôs em discussão algumas coisas. Envolvi-me, juntamente com outros amigos do Movimento da minha cidade, na organização de um momento público que me interessava muito. Por isso fui convidado a participar em alguns encontros de responsáveis para podermos acompanhar juntos a preparação. Foi uma grande surpresa! A maior parte daquelas noites não eram passadas organizando coisas, mas contando uns aos outros como e onde cada um reconhecia a presença de Jesus na própria vida ou na de outros. O ‘centro’, em suma, era nos ajudarmos uns aos outros naquela relação, não a organização! Ainda que entre nós, infelizmente, não seja habitual que no centro dos nossos encontros esteja como tema a relação com Cristo, para aquelas pessoas é assim. Disse-me: ‘Então ainda é possível falar de Jesus como falar das batatas que se come ao jantar!’. Nasceu assim a vontade de segui-los. Leio em Por que a Igreja que para os primeiros cristãos tinha sido totalmente retirado o caráter étnico da preferência de Deus, que a unidade entre eles era fundada unicamente no fato de terem sido postos juntos por Deus, e esta escolha coincidia com

a adesão à fé em Cristo. Leio, depois, que este primeiro fator tem também um valor cultural preciso: que a verdade, para a tradição hebraico-semítica, é representada muito mais com a imagem da rocha (ou seja, da estabilidade e solidez do testemunho) do que com aquela da luz (a evidência que eu consigo ver). Li tantas vezes estas linhas, e, para ser honesto, a maioria das vezes me pareceu uma ênfase filosófica que tinha pouco a ver com a minha realidade. Desta vez, pela experiência que fiz, foi diferente [é a experiência que torna vida uma palavra lida!]. Percebi que na escolha de não fazer o trabalho comum da Escola de Comunidade (e também em tantas outras ocasiões) aquilo que prevalece é o meu modo de ver e ouvir, que tem a última palavra. Lentamente, no tempo, sem que o tenha decidido conscientemente, o lançar-me na relação com amigos que me testemunham Cristo foi-se perdendo, privilegiando aquilo que eu consigo ver e viver. Até ultimamente me parece que isso veio à tona claramente na questão do Decreto-Lei sobre a união civil e no Family Day. ‘E isto não é irracionalismo. De fato, o encontro com uma pessoa, na qual se experimenta como verdadeiro aquilo que ela está comunicando, não é exclusão de postura crítica, mas é a imanência da postura crítica em todo aquele contexto vivo do qual essa postura não pode ser separada – do qual, então, ele extrai a autenticidade do seu dinamismo. [...] A indicação metodológica que emerge definitivamente da imagem da rocha como imagem de verdade é a solidez da testemunha [...]. Insistimos na observação de que, neste sentido, os dois métodos não se contradizem: porém, um é mais completo que o outro” (p. 131). À luz destas palavras e da experiência que contei, a questão parece-me que vai bem para além da escolha de fazer Escola de Comunidade neste ou naquele grupo. Trata-se da verdade da minha relação com Cristo. A coisa mais bonita é que o meu deslize neste ponto não foi para Ele uma objeção. Continuou ao meu lado e, através de algo que eu comecei com outras intenções (a organização do gesto público que mencionei), me corrigiu fazendo com que eu me deparasse de novo na atração da Sua presença”. Hoje somos como nômades nesta Babel da confusão, sem algo de estável porque a sociedade é “líquida”, e também nós participamos no mesmo tipo de liquidez. Então, a metáfora da rocha ofereceu-nos alguma coisa de sólido sobre a qual o homem pode se apoiar na procura do verdadeiro: “Ao aderir a alguém que ele ouve, com efeito, o homem deve apoiar a *totalidade* da sua pessoa no ‘tu’ de um outro. Enquanto é muito fácil para a pessoa colocar em dúvida a si mesma, é muito mais difícil lançar a dúvida dos próprios ‘se’ e ‘mas’ numa presença estimada e amada” (p. 130). Por isso, a proposta que o Mistério nos faz para alcançar a verdade é esta: seguir uma testemunha. Mas, muitas vezes, a verdadeira dificuldade é a suspeita sobre a solidez da testemunha. E como verifico a solidez dessa testemunha? Porque este problema já todos tinham no povo de Israel diante dos profetas: havia profetas verdadeiros e profetas falsos. Hoje também, porque nada é mais semelhante à verdade como aquilo que aparenta sê-lo embora não o sendo. Então, como é que podemos verificar quem é testemunha?

Colocação: *Participo de CL há muito tempo e vivo a experiência do Movimento há mais de trinta e cinco anos, desde os tempos da universidade. Neste longo caminho – porque, como don Gius antes, e você hoje, nos testemunham, trata-se de um caminho – muitos foram os momentos de alegria e de letícia vividos na Sua humana companhia. Recentemente me foram dadas para viver, e em parte ainda vivo, circunstâncias particularmente fortes através das quais a realidade me sufocou, às vezes ao ponto de me cortar a respiração. Experimentei a escuridão da noite, o viver sem esperança, isto é, o não viver. Mas lembrando-me dos muitos momentos verdadeiros e intensos vividos antes, durante a noite escura pedia-Lhe para que não permitisse que aquelas circunstâncias me levassem para longe do Seu olhar, para que não me privassem da Sua presença. Pedia-Lhe, gritando, que se revelasse, porque não O via, enquanto era apenas eu que faltava. Assim, lentamente fiquei só e as propostas do Movimento tornaram-se um fazer, às vezes difícil. Como diz a Escola de Comunidade, estava apoiado só em mim mesmo, subtraía-me ao que a realidade me pedia porque considerava aquelas circunstâncias dolorosas e imerecidas. Ao mesmo tempo, avançava a pretensão que fosse a companhia a encarregar-se delas. Quando, depois da Jornada de Início de Ano de setembro passado, retomei o trabalho da Escola de Comunidade e aceitei o desafio que você nos propunha – a verificação na realidade –, aconteceu o milagre: as circunstâncias já não se revelavam hostis, mas a modalidade através das quais Ele me fazia Seu. As dificuldades, embora maiores, já não eram uma objeção. Viviam as circunstâncias, que até aí me deprimiam, com grande liberdade e paz interior. Grato e certo de eu ter sido amado primeiro, escolhido e querido, apesar de todos os meus limites e das minhas fragilidades, renascido, podia finalmente abraçar e amar a cruz.*

Carrón: Então o que te faz descobrir a solidez da testemunha?

Colocação: *A verdade da Sua presença.*

Carrón: E como você sabe que é a Sua presença? Porque se verifica aquilo que a testemunha promete. Como acontecia com os profetas: eram verdadeiros se e quando acontecia o que prometiam. Você começou a seguir de novo aceitando o desafio que eu estou propondo. E o que se revelou em você? Que a verificação na realidade mostrou o milagre, mostrou a verdade daquilo que foi proposto a você. Se não se faz esta verificação, nunca se poderá julgar a solidez ou não da testemunha. Então, como se verifica a verdade da testemunha? Como é que, apoiando-me no testemunho de um outro, encontro de novo a evidência que tinha perdido? Porque as circunstâncias “já não se revelavam hostis, mas a modalidade através das quais Ele me fazia Seu. As dificuldades (...) já não eram uma objeção (...), as circunstâncias (...) (vivo-as) com grande liberdade e paz interior”.

Colocação: *Sim.*

Carrón: Está ali, toda a solidez está ali. Não é que eu devo convencer você que sou muito bom como testemunha, se sou testemunha é você mesmo que verifica, que aceita a proposta que é feita e portanto aparece aos seus olhos a evidência do quanto acontece na sua vida. Que é o mesmo que diz Jesus: “Quem me segue terá o cêntuplo”. Mas com uma condição: segui-Lo. Como com os profetas. Não há outra modalidade. E cada um pode verificá-lo aceitando também uma das opções ir ou não ao *Family Day*: “*Segui com muita atenção o debate sobre a Lei Cirinnà lendo e confrontando as várias opiniões com a minha experiência de vida. Há vários anos que sigo muito as problemáticas do gênero e das uniões de fato, uniões homossexuais, direitos humanos, etc. No meu modesto modo de ver, a aprovação legal do matrimônio homossexual é de uma gravidade não inferior à lei sobre o aborto, etc. Do seu artigo no Corriere della Sera emergia claramente o que é importante: que nós devemos ir ao fundo do que nos move. Durante o encontro que fizemos na minha região, emergiam duas posições: ‘É justo opor-se’ ou ‘o que muda é só um encontro’. E eu disse: ‘Não, a meu ver o que nos diz o Julián é que lhe importa que nós entendamos qual é a nossa efetiva necessidade e qual é a modalidade de responder também àquilo que nos preocupa da Lei’. Eu fui a Roma. Viajei de ônibus, comunicamos as nossas experiências, vi gente fantástica na praça, gente educadíssima, tive a impressão de que a maior parte fosse como eu. Na praça, instante após instante, confrontava-me com o que o artigo dizia. Assim se tornou evidente para mim a veracidade do que o artigo propunha: só o encontro com uma pessoa para quem Cristo importa, ou seja, que é regenerada por Ele, ressuscitada por Ele, pode mover o outro num total respeito por ele, isto é, no respeito pela sua liberdade’*”. Não basta repetir ou gritar a verdade, porque como diz Dom Giussani, o “instrumento [usado por Deus] para facilitar o nexo entre o homem e a verdade [...], [não é] o termo de uma visão, mas o termo de um abandono [parece “irracional”], de um amor [...] [parece “ingênuo demais”. É um] processo com o qual o homem segue a testemunha da verdade” (p. 131). Foi o que Deus fez na natureza: a criança se torna grande através do testemunho do pai e da mãe. É muito simples! Mas nós ficamos revoltados com isso. Queremos resistir a este método da escolha de Deus, porque nos parece que não é suficientemente crítico. E Dom Giussani diz: “O encontro com uma pessoa encontro com uma pessoa, na qual se experimenta como verdadeiro aquilo que ela está comunicando, não é exclusão de postura crítica, mas é a imanência da postura crítica em todo aquele contexto vivo do qual essa postura não pode ser separada – do qual, então, ele extrai a autenticidade do seu dinamismo” (p. 131). Por isso, se não nos dermos conta de que só assim podemos descobrir a verdade, acabamos nos apoiando numa coisa infinitamente menos consistente, e cada um verificará que, quando não segue aquilo que o impressionou no encontro cristão através do qual o Mistério nos alcançou a todos nós, não resistirá à lógica mundana. “Muitas vezes a consciência desta fonte autêntica do seu valor está bem longe dos cristãos. Com efeito, não raro nos encontramos diante ou de quem busca clareza, segurança e motivo para agir interpretando redutivamente a própria comunidade [adotando o que bem entende] – ou movimento, ou associação particular – privando-se, assim, da fonte unitária que a alimenta, ou seja, o mistério da Igreja como tal, ou diante de quem, citando a Igreja, a ela se refere como a um superorganismo mecânico que nada tem a ver com a realidade vivida” (p. 140). Dom Giussani propõe o caminho: “O modo para aprender o que é a Igreja total é ir até o fundo da experiência eclesial que uma pessoa encontrou, contanto que tal experiência tenha os caracteres da verdadeira eclesialidade [ou seja, a conexão com a Igreja]. Por isso, a obediência à Igreja total, a dependência dela, o articular-se a ela e o reconhecer-se em outros fatores presentes no âmbito da vida cristã são aspectos que definem a validade do reunir-se. De contrário, o motivo pelo qual se atribui valor ao próprio reunir-se não é o mistério de Jesus Cristo que se comunica à história e ao mundo, mas algo que reduziu o seu alcance”. O que está em jogo em toda esta questão é precisamente

isto: se o nosso reunir-se tem por assunto o mistério de Cristo, isto é, amigos, onde pomos a nossa esperança, até para sustentar a família. Não é que isso nos faça ignorar a realidade concreta. Pelo contrário, é justamente por isso que bradamos a todo o mundo que nós temos esperança em Cristo ressuscitado! E isso se comunica em qualquer ambiente “através de um grupo de cristãos conscientes de autêntica pertença à mesma Igreja” (p. 140). É a partir daqui que depois nos daremos o tempo – esta noite não me posso alongar – também para entender todos os pormenores até do conteúdo daquilo que esteve em jogo em todos os diálogos destes tempos. Será preciso ter a paciência de nos darmos tempo, sem rigidez, sem criar muros, escutando-nos mutuamente, seguindo o que nos é proposto; então, talvez, começaremos a entender melhor e tudo quanto estamos vivendo se tornará uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento para cada um de nós. Para nos ajudarmos neste caminho proponho que vocês leiam o segundo capítulo do livro *La bellezza disarmata* (“Verità e libertà: un esempio paradigmatico”, p. 32-55), onde procurei explicar que nós estamos num contexto totalmente diferente, de mudança de mentalidade, e que nos custa perceber isto. Como disse antes, em 1968 Giussani intuiu logo que havia algo de absolutamente novo que estava acontecendo, e estava disposto a rever todo o discurso. Se nós ainda temos dificuldade em entender o que aconteceu em 1968, imaginem agora que tudo está se desmoronando e estamos perante reviravoltas históricas que ninguém poderia imaginar até pouco tempo! Por isso nos custa encontrar a modalidade de estar presentes num mundo plural em que, como diz o Papa, nós cristãos não somos os únicos a oferecer uma cultura ou uma visão da realidade, mas somos um ator entre muitos. A verdade não pode se impor, mas deve se propor através de um caminho de convicção, como dizia Bento XVI: um modo de estar no real que não seja contrário à liberdade. Esta noite vou dar-lhes alguns exemplos para nos ajudarmos a perceber, depois prepararemos um texto mais completo para publicar na *Passos*. Primeiro exemplo: o referendo italiano sobre o divórcio. Giussani tinha um juízo claro sobre a utilidade do instrumento do referendo para defender publicamente a família; o Movimento se envolveu na campanha contra a legalização do divórcio por obediência à autoridade eclesiástica, mas “pela sua parte [...] CL não estaria plenamente de acordo sobre a utilidade de uma iniciativa desse tipo dadas as circunstâncias” (L. Giussani, *Il movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986)*, op. cit., pág. 171). Podemos considerar que certas iniciativas não são úteis na presença de determinadas circunstâncias. Não é que Giussani tivesse se transformado num relativista ou num laicista pondo em causa a importância da defesa pública do matrimônio e muito menos da doutrina da Igreja sobre ele. O seu juízo era histórico. Agora que os bispos nos dão a oportunidade de atuar como leigos, podemos ser livres de decidir como leigos? Giussani foi contrário ao instrumento referendário não por ser relativista, mas simplesmente porque tinha percebido, antes de todos, o que estava acontecendo. Depois da derrota no referendo sobre a lei do divórcio, Aldo Moro diz à gente do seu partido: “Setores da opinião pública [...] são agora bem mais nítidos no exigir que não seja desvirtuado, com o instrumento da lei, com a autoridade do poder, o modo comum de entender e disciplinar, em alguns pontos sensíveis, as relações humanas. Esta circunstância não pode deixar de ser levada em conta, porque ela toca já profundamente a vida democrática do nosso país, aconselhando por vezes a realizar a defesa de princípios e valores cristãos à margem das instituições e das leis, ou seja no vivo, aberto e disponível tecido da nossa vida social” (Discurso de 19-07-1974, pronunciado no dia seguinte ao referendo sobre o divórcio durante a intervenção no Conselho Nacional da DC. Cf. A. Moro, *Scritti e Discorsi* (org. G. Rossini), vol. VI (1974-1978), Roma, Cinque Lune, 1990, p. 3155). Não há muita diferença com Dom Giussani: “Numa sociedade como esta [a nossa] não se pode criar nada de novo a não ser com a vida: não há estrutura, nem organização ou iniciativa que dure. Só uma vida diferente e nova [na vida social] pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, enfim, tudo” (“Movimento, ‘regra’ de liberdade”, org. O. Grassi, *Litterae communionis-CL*, novembro 1978, p. 44). Por isso, no contexto da Igreja antiga, um Santo Agostinho, só para dar um exemplo, entendia a diferença existente entre a lei civil (que tem como finalidade a convivência) e a moral. E o fato de que a lei civil não reflita plenamente a moral cristã não quer dizer que então não seja válida: “A lei que é dada a fim de guiar a convivência entre os homens permite que deixe impunes muitas coisas que, porém, são punidas pela providência divina. Mas ele não condena as leis dos homens pelo fato de não pôr tudo em ordem” (cf. “Santo Agostino” in M. Borghesi, *Critica della teologia politica. Da Agostino a Peterson: la fine dell’era costantiniana*, Génova, Marietti, 2013, pág. 301). O cardeal Georges Cottier, durante anos teólogo da Casa Pontifícia diz: “Os primeiros legisladores cristãos [...] não revogaram de imediato as leis romanas tolerantes de práticas não conformes [...] [à moral da Igreja porque] a Igreja sempre entendeu como longínqua e perigosa a ilusão de eliminar totalmente o mal da história por via legal” (G.

Cottier, “La politica, la morale e il peccato originale” in M. Borghesi, *Critica della teologia politica. Da Agostino a Peterson: la fine dell’era costantiniana*, op. cit., pp. 302-303). Termino com outra referência. Nestas semanas um dos textos mais citados nas discussões foram as *considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* da Congregação para a Doutrina da Fé, de 2003, que afirma: “Em presença do reconhecimento legal das uniões homossexuais ou da equiparação legal das mesmas ao matrimônio”, é preciso opor-se. Como veem, distingue as duas coisas, condenando ambas: as uniões civis e a equiparação ao matrimônio. Em 2007 houve a discussão sobre as DICO [proposta de lei sobre as uniões de fato], que todos recordam, e à época toda a Igreja italiana era contrária às uniões civis. Agora estamos em 2016 e quase todos aceitariam as uniões civis homossexuais, desde que afastadas da adoção e não equiparadas ao matrimônio. É porque a Igreja italiana se tornou subitamente relativista ou porque hoje as leis civis, para garantir a convivência, precisam dar espaço e reconhecimento a pessoas que pensam diversamente da moral natural ou católica? Isso não quer dizer que nós não tenhamos todo o espaço para testemunhar a beleza da família assim como Deus a quis ao criar-nos homem e mulher. Então, amigos, temos que nos dar tempo para apreendermos o que está acontecendo. É uma mudança histórica tão grande que, se não nos ajudarmos a compreendê-la, facilitamos o desencadear-se de discussões inconclusivas em vez de um diálogo que nos permita encontrar o nosso lugar, o nosso dever: o que nós temos a propor e a viver, a comunicar aos nossos amigos precisamente por aquilo que somos, isto é, uma realidade na vida da Igreja, porque somos Igreja. A Escola de Comunidade destes tempos nos ajuda a entender isso. Além do texto de *La bellezza disarmata* (da página 32 a página 55) que lhes indiquei antes, podem também reler a parte da lição de sábado de manhã dos Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação de 2014 (da página 22 a página 34 do livrinho “*Correndo para alcançá-Lo*”), onde eu já tinha feito uma exposição das correções que Dom Giussani tinha feito sobre o nosso modo de ser uma realidade sociologicamente identificável. E que ainda não compreendemos.

AVISOS

A próxima Escola da Comunidade terá lugar no dia 16 de março às 21h00. Continuamos o trabalho sobre texto de Dom Giussani *Por que a Igreja*, retomando o capítulo sobre “Os três fatores constitutivos”, “2. A comunidade investida por uma Força do Alto”, da página 141 a 154.

O tempo da Quaresma deve interrogar a todos nós sobre porque a Igreja nos propõe cada ano este tempo: é a ocasião propícia para aprofundar o caminho que o Papa nos propôs com o Jubileu da Misericórdia. Em que pede que mudemos também em relação a tudo o que dissemos? Que necessidade temos? E em que a Escola de Comunidade nos chama a mudar?

Como sabem, na Itália, a *Tracce* de fevereiro contém o DVD com a lição de Dom Giussani *Reconhecer Cristo*.

Recordo que os Exercícios da Fraternidade [na Itália] terão lugar em Rímni de 29 de abril a 1º de maio. As inscrições por Internet abrem a 18 de março e fecham a 5 de abril. Verifiquem desde já a password de acesso ao site

Por último, assinalo a iniciativa promovida pelo *Corriere della Sera* de republicar semanalmente dez livros de Dom Giussani, vendidos em conjunto com o jornal. O primeiro – que sairá dia 20 de fevereiro – será *O senso religioso*, com introdução, escrita para a ocasião, por Antonio Polito.

Veni Sancte Spiritus